

O Sr. Mauro Benevides (MDB — CE) — Nobre Senador Almir Pinto, faz muito bem, V. Ex^a, em enaltecer o trabalho que vem sendo levado a efeito, aqui em Brasília, pela Casa do Ceará, entidade conceituada e prestigiosa, que tem, hoje, a sua frente o Dr. Alvaro Lins Cavalcante. De fato, temos recebido, todos os anos, o relatório das atividades da Casa do Ceará. E nesse relatório estão alinhados todos aqueles dados pertinentes ao modelar funcionamento daquele solidário. Recordo-me de que há dois anos, quando foi lançada a pedra fundamental da Pousada Chrysanto Moreira da Rocha, solenidade que teve como orador oficial o nosso eminente colega Senador Henrique de La Rocque, tive eu ensejo de me reportar àquela iniciativa, comentando então o extraordinário dimensionamento que assumira a atuação da Casa do Ceará aqui, em Brasília. Sei, por exemplo, que nesse exato momento aquela entidade atravessa uma fase ainda mais auspiciosa, sobretudo porque passou a contar também, desde março deste ano, com o concurso desinteressado de V. Ex^a, que ali vai como profissional da medicina; mas, imbuído sobretudo pelo seu idealismo de servir, V. Ex^a atende na assistência aos pobres mantidos pela Casa do Ceará. Também sob esse aspecto, Senador Almir Pinto, queria intervir, como o faço agora, no discurso de V. Ex^a, prestando a minha homenagem a Chrysanto Moreira da Rocha, e reconhecendo de público o trabalho que aquela equipe, com o Alvaro, com o Meire Calmon, com Ernesto Valente, com Osires Pontes e com tantos outros, vem levando a efeito em favor da assistência aos pobres de Brasília.

O SR. ALMIR PINTO (ARENA — CE) — Agradeço o aparte de V. Ex^a, e devo dizer que, na verdade, estou aos poucos me identificando com aquela Casa. Aos sábados, tenho a minha livre, e decidi então prestar uma pequena assistência médica, mesmo para não esquecer a minha profissão. Mas, devo dizer a V. Ex^a e aos nobres Senadores que nos ouvem nesse instante, principalmente aqueles que são tidos já como pessoas gratas da Casa do Ceará, Senador Henrique de La Rocque, como V. Ex^a falou, e desejo, como há pouco dizia o nobre Senador Agenor Maria, levar no primeiro sábado de cada mês um representante de cada Bancada do Senado, para que conheçam, na verdade, aquele serviço beneditino que está sendo feito por uma plêiade de criaturas que desejam, antes de tudo, fazer o bem. Daí eu dizer que a Pousada Chrysanto Moreira da Rocha é uma palpável realidade. Vêm-se, por lá, vários velhinhos habitando aquela casa e com que alegria sentimos em todos aqueles como Alvaro Lins, Osires Pontes, com que estive há pouco, aqui na Câmara, a alegria e o enternecimento pelo muito que fizeram em benefício de seus irmãos pobres, que procuram o abrigo benfazejo daquela Casa.

Esta, Srs. Senadores, a real organização da Casa do Ceará, em Brasília. Merece ser visitada por V. Ex^{as} para se capacitarem do que foi possível se construir com dedicação e grande amor ao próximo.

Atualmente, na Presidência da Diretoria está o ex-Deputado Federal Alvaro Lins, um dos fundadores e, à frente do Conselho Comunitário, encontra-se o Dr. Fernando Vasconcelos Teófilo, médico e descendente de tradicional família cearense, cujo avô, Rodolfo Teófilo, foi a filantropia em pessoa, tal a dedicação aos seus conterrâneos, principalmente, quando o Ceará era invadido pela Cólera, encontrando os cearenses em Rodolfo Teófilo o anjo tutelar para os seus sofrimentos.

A Ala Feminina é capitaneada pela bondosa Senhora Yolanda Gadelha Teófilo, em substituição à primeira Presidente, D. Luiza de Moraes Correia Távora, esposa do atual Governador do Ceará Virgílio Távora, cuja dedicação à notável Entidade deve ser por justiça ressaltada.

Aí está Srs. Senadores, em rápidas pinceladas, o que na atualidade é a Casa do Ceará, obra da fértil imaginação do inesquecível Chrysanto Moreira da Rocha, coadjuvado por Alvaro Lins e Osires Pontes, todos imbuídos de um mesmo pensamento: servir.

O Sr. Henrique de La Rocque (ARENA — MA) — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. ALMIR PINTO (ARENA — CE) — Com muita honra.

O Sr. Henrique de La Rocque (ARENA — MA) — Nobre Senador, sempre considerei a Casa do Ceará como um exemplo e um desafio. Um exemplo para que nós outros, filhos de outros Estados, mirássemos a obra dos cearenses, se bem que ajudados por gentes de outras bandas, construísem, em Brasília, algo que orgulha a terra de José de Alencar. Participo da obra da Casa do Ceará desde os seus primórdios, em que tive a ventura de ser amigo de Chrysanto Moreira da Rocha desde os bancos da Faculdade de Direito, ele a deixava e eu iniciava. Aquele coração imenso que fazia da política um instrumento a serviço da solidariedade humana, que fazia da lenha do seu pai, a necessidade, o imperativo de permanecer na luta

pela defesa dos melhores interesses dos cearenses. Conheci Chrysanto e toda a sua família. Os seus irmãos, um deles com a responsabilidade de Prefeito de Fortaleza, o outro representando o Ceará, na Assembléia Legislativa, enfim, todos aqueles que fizeram da sua vida um exercício de sacerdotado político. Mas houve um instante, e esse instante eu jamais poderia esquecer-lo; em torno de mim, Mauro Benevides, o General hoje reformado, Teófilo Gaspar, Ministro-Chefe que tanto honrou o EMFA, os Senadores Wilson Gonçalves e o Governador Virgílio Távora, o Desembargador Moacyr Catunda, Gurgel Valente, enfim, todos os cearenses, na sua maioria integrantes da Casa, ali estavam e era hora de se lançar a pedra fundamental da Pousada Chrysanto Moreira da Rocha. E o que era sonho de Chrysanto se tornou, naquele instante, o início de uma execução inevitável: o refúgio para os velhos. Para os velhos que, hoje, para a sociedade tão utilitária que aí está, considerando-os mais trapos do que outra coisa qualquer, para esses velhos que foram moços algum dia, Chrysanto voltou sempre as suas vistas, o seu pensamento, a sua ação, o seu desejo, o seu desejo. Fui orador. Empolguei-me pela solenidade e dizia, então, que o Ceará, na Capital da República, no coração do Brasil, em plena selva transformada na cidade-modelo pelo gênio de Juscelino Kubitschek, erguia uma obra tipicamente do esforço e da dedicação do cearense. Que o cearense, ali, naquele momento, nos estava ditando, nos estava exemplificando, nos estava mostrando o que o esforço coletivo pode realizar. E, hoje, quem passa pela Casa do Ceará, no primeiro instante, supõe que seja a mansão de um milionário que para aqui veio e ganhou na Loteria Esportiva e indaga o que é aquilo. E se lhe informam que a Casa do Ceará é o esforço dos cearenses, em benefício do Brasil, nobre Senador Almir Pinto, V. Ex^a está trazendo para esta Casa um tema que não comove só a Mauro Benevides, que não comove só a mim, mas que, por certo, comove a V. Ex^a e a todos os cearenses, porque a Casa do Ceará é, indiscutivelmente, um exemplo e um desafio, como iniciei o meu pronunciamento, afirmando a V. Ex^a Muito grato pela oportunidade que V. Ex^a me facultou de dizer algo sobre essa grande obra que muito deve a um amigo querido de todos nós, que da vida fez, bonachão como era, o exercício da bondade e da solidariedade humana: o seu nome, Chrysanto Moreira da Rocha.

O SR. ALMIR PINTO (ARENA — CE) — Agradeço, sensibilizado, o aparte do meu colega, Senador Henrique de La Rocque que, na verdade, evidenciou as grandes qualidades de Chrysanto Moreira da Rocha, suas virtudes, que podemos dizer, que podemos sentenciar, nobre Senador Henrique de La Rocque, quando o cérebro pensa o coração ama; quando o cérebro planeja o coração executa.

Era o que tinha a dizer. (Muito bem! Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Antes de dar a palavra ao Senador Luiz Cavalcante, que se encontra inscrito, desejo declarar à Casa que a Mesa se sensibiliza inteiramente com as palavras aqui proferidas pelo Senador Mauro Benevides, e com as homenagens que estão sendo prestadas a memória do ex-Governador Plácido Castelo, que um grande número de Senadores conheceu bastante de perto, tendo tido oportunidade de admirá-lo pelo seu caráter, pela sua dedicação à causa pública e, sobretudo, por ser um homem a quem realmente o nome cabia bem. Plácido Aderaldo Castelo era realmente um plácido e, como tal, a Mesa se associa, sinceramente, às homenagens prestadas àquele grande cearense. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Tem a palavra o nobre Senador Luiz Cavalcante.

O SR. LUIZ CAVALCANTE (ARENA — AL) Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente e Srs. Senadores:

Não foi uma vez, nem foram duas, nem foram somente três. Bem mais que isso, bem mais vezes, já exigi alguns destes recortes neste plenário, aos meus eminentes colegas.

São todos eles recortes que recendem a petróleo, do primeiro ao último. Mas vamos aos fatos, isto é, aos recortes.

Em primeiro lugar, em 30 muitas vezes mostrado aqui. É a primeira página do *Jornal de Brasília* de 30 de novembro de 1974, inclusive, com publicação da Presidência da República, e o título é: "Presidência da República informa: o Brasil é auto-suficiente em petróleo".

E a notícia assim começa:

"O novo campo petrolífero do litoral de Campos está avaliada em 400 mil barris/dia e os técnicos da PETROBRÁS admitem, com base em pesquisas concretas, que o Brasil produzirá 1 milhão de barris/dia de petróleo, a partir de, no máximo, dois anos. Tal produção poderá ser mantida, sem que sejam descobertas novas áreas de exploração, por um prazo mínimo de 30 anos.